

poesia de bolso

**elizabeth
bishop**

**questões
de
viagem**

Tradução e notas
Paulo Henriques Britto



chegada em santos

Eis uma costa; eis um porto;
após uma dieta frugal de horizonte, uma paisagem:
morros de formas nada práticas, cheios — quem sabe? —
de autocomiseração,
tristes e agrestes sob a frívola folhagem,

uma igrejinha no alto de um deles. E armazéns,
alguns em tons débeis de rosa, ou de azul,
e umas palmeiras, altas e inseguras. Ah, turista,
então é isso que este país tão longe ao sul

tem a oferecer a quem procura nada menos
que um mundo diferente, uma vida melhor, e o imediato
e definitivo entendimento de ambos
após dezoito dias de hiato?

Termine o desjejum. Lá vem o navio-tênder,
uma estranha e antiga embarcação,
com um trapo estranho e colorido ao vento.
A bandeira. Primeira vez que a vejo. Eu tinha a impressão

de que não havia bandeira, mas tinha que haver,
tal como cédulas e moedas — claro que sim.

E agora, cautelosas, descemos de costas a escada,
eu e uma outra passageira, Miss Breen,

num cais onde vinte e seis cargueiros aguardam
um carregamento de café que não tem mais fim.

Cuidado, moço, com esse gancho! Ah!
não é que ele físgou a saia de Miss Breen,

coitada! Miss Breen tem uns setenta anos,
um metro e oitenta, lindos olhos azuis, bem
simpática. É tenente de polícia aposentada.

Quando não está viajando, mora em Glens Falls, estado de Nova York. Bom. Conseguimos. Na alfândega deve haver quem fale inglês e não implique com nosso estoque de bourbon e cigarros. Os portos são necessários, como os selos e o sabão, e nem ligam para a impressão que causam. Daí as cores mortas dos sabonetes e selos — aqueles desmancham aos poucos, e estes desgrudam de nossos cartões-postais antes que possam lê-los nossos destinatários, ou porque a cola daqui é muito ordinária, ou então por causa do calor. Partimos de Santos imediatamente; vamos de carro para o interior.

Janeiro de 1952

arrival at santos

*Here is a coast; here is a harbor;
here, after a meager diet of horizon, is some scenery:
impractically shaped and — who knows? — self-pitying
mountains,
sad and harsh beneath their frivolous greenery,*

*with a little church on top of one. And warehouses,
some of them painted a feeble pink, or blue,
and some tall, uncertain palms. Oh, tourist,
is this how this country is going to answer you*

*and your immodest demands for a different world,
and a better life, and complete comprehension
of both at last, and immediately,
after eighteen days of suspension?*

*Finish your breakfast. The tender is coming,
a strange and ancient craft, flying a strange and brilliant rag.
So that's the flag. I never saw it before.*

*I somehow never thought of there being a flag,
but of course there was, all along. And coins, I presume,
and paper money; they remain to be seen.*

*And gingerly now we climb down the ladder backward,
myself and a fellow passenger named Miss Breen,*

*descending into the midst of twenty-six freighters
waiting to be loaded with green coffee beans.*

*Please, boy, do be more careful with that boat hook!
Watch out! Oh! It has caught Miss Breen's*

*skirt! There! Miss Breen is about seventy,
a retired police lieutenant, six feet tall,
with beautiful bright blue eyes and a kind expression.*

Her home, when she is at home, is in Glens Falls, New York. There. We are settled. The customs officials will speak English, we hope, and leave us our bourbon and cigarettes. Ports are necessities, like postage stamps, or soap, but they seldom seem to care what impression they make, or, like this, only attempt, since it does not matter, the unassertive colors of soap, or postage stamps — wasting away like the former, slipping the way the latter do when we mail the letters we wrote on the boat, either because the glue here is very inferior or because of the heat. We leave Santos at once; we are driving to the interior.

January, 1952

brasil, 1º de janeiro de 1502

...natureza bordada... paisagem de tapeçaria.
— *Landscape into art*, Sir Kenneth Clark

Janeiros, a Natureza se revela
a nossos olhos como revelou-se aos deles:
inteiramente recoberta de folhagem —
folhas grandes, pequenas, gigantescas,
azuis, verde-azulado, verde-oliva,
aqui e ali um veio ou borda mais claros,
ou um dorso de folha acetinado;
samambaias monstruosas
em relevo cinza-prata,
e flores, também, como vitórias-régias imensas
no céu — melhor, no meio das copas —
roxas, rosadas, dois tons de amarelo,
vermelho-ferrugem e branco esverdeado;
sólidas mas aéreas; frescas como se recém-pintadas
e retiradas das molduras.

Céu de um branco azulado, tela simples,
pano de fundo para plumas detalhadas:
arcos breves, roda incompleta, verde-claro,
palmeiras escuras, atarracadas, mas sutis;
e, pousadas, em perfil, bicos bem abertos,
as grandes aves simbólicas se calam,
cada uma exibindo meio peito apenas,
intumescido e acolchoado, liso ou com pintas.
Ainda em primeiro plano, o Pecado:
cinco dragões negros junto a umas pedras grandes.
São pedras ornadas de líquens, explosões lunares
cinzentas, superpostas uma à outra,
ameaçadas de baixo pelo musgo